

M NOVO ENTREMEZ

INTITULADO

O MEZINHEIRO

VENTUROZO,

CONSTRANGIDO A CURAR COMO

Cirurgião aprovado.

P E S S O A S.

*Tiago, dono da casa.*

*Brazia, sua mulher.*

*Justina, vizinha.*

*Leandro, Capateiro.*

*Gil, marujo.*

*Mamede, taverneiro.*

*Hum Meirinho.*

*Sabe Tiago, Brazia, e Justina.*

*Tiag.* **E** U supponho Senhora vezinha, que vos-  
sa mercê vem criar sangue comigo; pois  
a não ser assim, diria á vista da sua  
teima, que era huma grande tolla. Olhem  
que he galante historia! Porque huma vez curei  
o jumento de meu compadre de hum catarro, e  
outra a burra de minha comadre de huma constri-  
pação, quer vossa mercê que eu vá curar sua fi-  
lha, que talvez estará com huma refinada mali-  
gna? Hora fale em outra coiza, e não me ve-  
nha tomar o tempo com essas parouvelas; por-  
que tenho de cavar hoje duas, ou tres geirás.

*Just.* Não tem que se cançar, Senhor vizinho, vos-  
sa mercê ha de vir acudir á minha filha, que  
está

A

está morrendo ; porque ha tres dias que não pôde parir , e está no maior aperto.

*Tiag.* Ainda mais essa vergonha ! E quando nada queria-me vossa mercê imbutir o officio de Parteira ? Hora vasse com Deos, Senhora Justina, que isso não he coiza que se venha pregar na bochecha de hum homem, que poem navalha na cara.

*Just.* Senhor Tiago, peço-lhe pela vida da Senhora vizinha, que me não esteja mortificando ; eu estou com fé em vossa mercê, que ha de livrar a pobre rapariga do perigo, em que está, venha, venha comigo, e eu lhe pagarei o seu dia, se por isso faltar ao seu trabalho.

*Braz.* Hora filho faze a vontade á nossa vizinha, vai ver a pobrezinha da moça, que eu como mulher, porquem o caso tem passado tantas vezes, bem sei que ha de estar muito angustiada, e não te esqueça levar aquelle chavelho de boi, para a fazeres affoprar nelle com toda a força, para que esta a faça parir mais depressa.

*Tiag.* Hora vamos Senhora, já que os meus negros pecados me tinhaõ guardado para estes fracassos ; porém vá certa que ambos perdemos o tempo, porque eu desses negocios não entendo nada.

*Vão-se os dois.*

*Sabe Leandro.*

*Leand.* Aqui he que morao Senhor Tiago Fagundes?

*Braz.* Sim, Senhor, elle he hum criado de sua mercê.

*Leand.* Criado de nosso Senhor, que lhe dará bom pago ; eu queria-lhe falar com brevidade, porque sou de longe, e o negocio não he para muita espera.

*Braz.* Pois elle não tardará, que foi até caza de hum vizinha, que não moramuito distante, e não se

se póde deter muito , porque tem de ir para o seu trabalho.

*Leand.* E he certo , que não ha de ter ; porque os os doentes todos o haõ de procurar a elle pelas grandes curas , que faz.

*Braz.* Que diz vossa mercê? Isso ou he loucura , ou certamente vem enganado ; porque ; meu marido he Curgiaõ para fazer curas ? He hum pobre trabalhador , que sustenta a vida , puchando por huma enchada . com que , se esse he o negocio , não esteja vossa mercê perdendo aqui o seu tempo.

*Leand.* Eu supõho que vossa mercê ou esta zombando comigo , ou porque me vê com esta fraca roupa entende que não sau capas de pagar o trabalho ao Senhor seu marido ; pois engana-se , que nestas materias poderei eu roer em hum dardo , pouém sei ter primor com o mais piatado.

*Braz.* Eu não duvido disso , mas o que digo he que meu marido nem he nem foi nunca Curgiaõ , e que se vossa mercê necessita delle , o procure lá na Villa , que he aonde mora.

*Leand.* Hora gavo lhe apachorra ! Por isso vossa mercê he gorda , Deos a faça santa , porque está sempre com a caninha na agoa ; tomara eu que elle já viera , para o levar comigo , e feita que se ja a cura para logo a benta esmola na unha.

*Sabe Tiago , e Justina.*

*Just.* Quero-lhe dar mil abraços , minha rica vizinha em agradecimento do bem que o seu homem me fez em livrar aquella triste rapariga do maior perigo : elle não fez mais que sahir fóra , tronxe huma herva , e pizando-a muito hem lha poz sobre o ventre , e no mesmo instante pario hum rapagaõ como hum marmanjo.

*Leand.* Louvado seja Deos, que dá a hum homem tanta virtude, e sabença; e pertendia aqui a Senhora meter-me em cabeça, que feu marido não sabia curar, e elle faz milagres daquella casta? Vejaõ lá se eu fora de facil crença se hia o pobre velho campiano para a sepultura, metido nas maos de algum, que não sabe qual he a sua direita.

*Tiag.* Eu de toda essa arenga, que vossa mercê está fazendo, sómente percebo a verdade com que minha companheira lhe disse, que eu de curar não sei coisa nenhuma, e se he para isso, que vossa mercê me busca, póde já, e logo ir bater a outra porta.

*Leand.* Senhor, essa dissimulação em semelhante materia he contra a consciencia; eu tenho largas noticias suas, e quando me faltassem todas, bastava a que aqui acaba de dar esta Senhora para me persuadir da sua maravilhoza sabença, eu sou çapateiro, e vivo aqui no lugar de Rapados, meu Pai, que he velho, e do mesmo officio, estando segunda feira tombando hum çapato, meteu a sovela pela cocha de huma perna, que se lhes fez como hum trambolho, e com gritos enche o Ceo, e terra, ninguem póde parar em caza: venha vossa mercê comigo remediar aquella miseria, e esteja certo, que a boa satisfação do trabalho fica cá por minha conta.

*Tiag.* Que demonio seria o que meteo na cabeça desta gente, que eu sei curar, para se pôr á porfia em me perseguir. Senhor, declaro-lhe em minha consciencia, que vem enganado, se quer que vá cavar algum pedaço de terra, isso farei eu como os meus vizinhos; porém ir curar seu Pai, isso

5  
isso por nenhum modo; porque não quero ir fazer alguma asneira, que dê com o pobre velho, que me não fez mal nenhum, na sepultura.

*Leand.* Pois olhe, não se esteja cançando; porque vossa mercê certamente ha de vir comigo, e quando fucedá o que vossa mercê pronostica, ficará a morte toda á conta da minha teima; porque antes o quero morto nas maons de vossa mercê, do que curado pelas de outro.

*Just.* Ai Senhor vezinho, não apoquente mais o pobre do homem, vá com elle, e talvez que Deos lhe dê a mesma fortuna, que teve com minha filha, e pela boa veronica do Senhor, estou certa, que não ha de perder as passadas.

*Tiag.* Que me importaõ a mim as passadas? O que me importa he a asneira, com que me querem fazer curador á força; vossa mercês querem saber o que eu son melhor do que eu mesmo? Por certo que não pôde haver teima mais desprepozitada; eu juro, e terjuro, que não sei nada de curas, e vossês violentando-me para fazelas, em fim, Deos te la depare buena, vamos ver o velho, e se eu o impurrar para o outro Mundo, todos me sejaõ testemunhas de que a isso me obriga seu proprio filho, que não quer dar ouvidos á verdade com que o dezengano.

*Vão-se os dois*

*Braz.* Não sabe vezinha, como estou affustada com este chamamento do meu Tiago; porque como elle não sabe nada de medicina, poderá ir uzar de alguma herba, na virtude das quaes muito se confia, e se fizer mal, ou matar o doente, darem com elle na cadéa, e ficar eu chorando amargurada.

*Just.* Deixe-se dessas quimeras, que melhor he Deos do que quem o busca: elle o fará acertar; porque

que tal vez lhe terá promettido fezelo na arte de curar muito venturozo ; porque nella , minha rica vizinha , vale mais a fortuna , do que a sciencia , e eu tenho conhecido alguns , que , faltos de toda , ganharaõ muito dinheiro , só porque lhe affistia a fortuna.

*Braz.* Já eu pela demora do meu homem estou cuidadoza , e dezejo que para similhantes negocios me não venha ninguem inquietar a caza.

*Sabe Tiago.*

*Tiag.* Hora não póde haver desgraça igual á minha

*Braz.* Porque filho ? Morreo o velho , que te obrigaõ a ir curar ?

*Tiag.* Qual morrer ! Já ficou saõ como hum pero , porque com hum emplastinho , que lhe puz na perna logo dezinchou , acabaraõ as dores , que padecia , e saltou para fóra de caza.

*Braz.* Emtaõ não te posso entender , vendo que chamas desgraça ao mesmo , que debes estimar como fortuna.

*Tiag.* Pois que quer vossê que eu chame a algazarra , que me fez todo o Povo daquelle lugar , dizendo , que eu era o primeiro , e o melhor Cirurgiaõ de todo o Mundo , e que me mudasse para lá , que me queria fazer hum conveniente partido ? Eu gritei lhe que se enganavaõ , porque não sabia nada daquellas materias , e que se tinha curado a quelle homem por acazo , se me fosse metendo naquelles debuchos , mataria hum cento por erro : mas nem esta verdade taõ clara os convencia , porque sacrificaraõ a razaõ á sua cegueira.

*Just.* Hora pois , Senhor vizinho , louvar a Deos que he quem tudo determina , e vá vossa mercê sem lusto pelo caminho por aonde elle o chama .

qu

que não deixará de ser tão feliz como eu dezejo. *V.*<sup>7</sup>

*Tiag.* E que me dizes tu, minha Brazia, ao primor do çapateiro, que depois de me dar de almoçar com fartura, e huma boa pinga, á força, sem me valer nenhuma rezistencia, me meteo na algibeira esta meia moeda, e me queria fazer jantar lá em quanto me solava as botas? Na verdade he hum santo homem, e, se eu for para a çeifa áquelle lugar, estou certo, que ferei em sua caza bem regalado.

*Braz.* Bemdito seja o Senhor pela felicidade, que te deo, de que rezultou o interesse, que tu não podias ter em toda huma semana de trabalho: olha se tu podesse ainda aprender o officio de curar com algum mestre bom, poderíamos viver com menos penuria,

*Tiag.* Appello eu por mim! Burro velho não aprende lingua, e menos aquella, que quazi não passa de huma giria; porque se o C,urgiaõ não fala por termos, que ninguem o entende, nem elle á si mesmo, logo dizem que he homem falto de estudo: Deos nos livre, vamos cá pelo rego por aonde nossos Pais foraõ, e não pretendamos ter mais honra do que elles tiveraõ.

*Sabe Gil.*

*Gil.* Nosso Senhor lhe dê muito boas tardes, estamos ás ordens de suas mercês, eu quero já de carreira falar ao Senhor licenciado; porque me estou finando com dores, e necessito que de caminho me dê remedio: e cá o homem não lho ha de ficar devendo, entendem suas mercês?

*Tiag.* Eu por mim confesso que não, nem sei com quem vossê fala, nem a quem procura.

*Gil.* Hora diga-me, aqui nesta caza ha mais alguma outra alimaria, que traga calçoens?

*Tiag.*

*Tiag.* Tomada debaixo do nome de homem , não ha fenaõ esta' , que vê.

*Gil.* Pois emtaõ , má peste o alague , para que está fazendo mofa da gente ? Não basta estar huma pobre creatura toda derreada para ter dó della , se não , que salando-lhe com cortezia , responde , que não entende , nem sabe o que procura : ah caõ de mim , que se não estivera taõ escangalhado , má grado tenha o demo , se eu o não ensinara a tratar a gente do mar com melhor termo.

*Tiag.* Devagar amiguinho , não se enfade tanto , explique-me melhor a quem procura , que hei de estimar muito saber encaminhalo.

*Gil.* Homem de barrabas , va lá zombar da grandissima perra , que o pario : eu não lhe disse já que procurava o licenciado , que aqui mora para me curar de huma estropiadella ? Hora veja se me entende agora.

*Tiag.* Entre bem , e mal , o que entendo , he que procura hum çurgiaõ ; mas tenha paciencia , torne para tras , que naquelle lugarzinho , que lá está , he que elle mora.

*Gil.* Mora hum dardo , que lhe atravessè essa alma , porque eu não venho do lugar , e não paguei a hum mochacho , que me veio ensinar a porta ? Olhe que tem aqui o neto da carcunda , não se mera a graciozo comigo , se se não enfada já de ter o espinhaço inteiro ; porque cá para mim a sua chibança he huma borra , ponha-se ás boas , trate de me curar , e aqui está quem canta ; porque o dinheiro só serve para acagioens.

*Braz.* Meu marido não he çurgiaõ , e quem tal lhe disse a V. m. certamente o enganou ; faz alguns remedioszinhos comervas , que conhece , e ás vezes

zes he bem sucedido ; mas nem por isso...

*Gil.* Vá lá ladrar a huma horta , Senhora Bruxa , que não estou para soffrer as suas palraduras : quer elle seja Curgiaõ , quer não seja , ou me ha de curar , ou ir hoje o diabo em caza do alfaçinha , tenho dito , e cá o homẽ não arreia nem a todo o poder do mundo.

*Tiag.* Estou mettido em huma boa arriofca ! *á parte.*

Hora Senhor , não façamos bulha , diga V. m. que molestia he a sua , e veremos se ás apalpadelas tenho a fortuna de poder remediala.

*Gil.* Ah , sim , já me entendeo ( estes cafres querem-se levados por mal ) *á parte* , eu trabalho em huma Náo chamada o Gigante , que joga sessenta pellas , e veio agora de correr a costa.

*Tiag.* Isso não faz nada ao cazo da molestia , porque como julgo , que V. m. não metteo a Náo na barriga , não he percizo pintar a sua grandeza para se regular o modo de lha tirar della.

*Gil.* Pois entances , quer que vá a historia de pulo , assim como eu o dei do mastareo da Náo ?

*Tiag.* Não digo tanto , porém como tenho que fazer , quero que V. m. rezuma o seu conto.

*Gil.* Hora façamos-lhe a vontade , não obstante ser eu o doente : como lhe hia dizendo , sahio a Náo de barra em fora do Rio de Janeiro , e trazendo já trinta e cinco dias de viagem , na altura da Ilha dizerta se levantou hum vendaval taõ dezaustinado , que mandou o Capitaõ tomar todo o pano : subi eu ao mastareo , e palavras não eraõ ditas , quando huma corda , que com o vento se me enrodilhou á cintura , dezalojando-me da estribeira , em que me firmava , me pregou com o corpo em terra , e fiquei desnocado de todo o espinhaço até á cintura ; tenho feito remedios , que he hum nunca acabar , e

gastado chelpa como bagaço , mas a melhora , maldita ella seja ; dixerão-me que sua mercê curava tudo ás mil maravilhas , a isso he que venho aqui , e ainda temos gimbo para pagar com a graça de Deos, percebe já ?

*Tiag.* Estou informado , e por não gastarmos mais tempo , eu chego aqui fóra , e logo volto , espere V. m. hum bocadinho , que aqui mesmo lhe quero por hum emplasto , que logo dará signal se he , ou não conveniente. *Vai-se.*

*Gil.* Hora diga-me, Senhora , este seu marido costuma regatear-se tanto com todos , ou isto foi só comigo, talvez porque duvida-se do pagamento ?

*Braz.* Elle não se regatea com ninguem , mas a todos fala verdade , porque nunca aprendeo acurar , nem disso sabe nada : principiou a fazer seus remedios a alguns jumentinhos , e teve bom successo , assim como por acazo nos que applicou a duas creaturas christans , e disto rezultou quererem por força que elle haja de curar todo o genero humano , como se fosse hum graõ Doutor.

*Gil.* Isso bem poderá ser verdade , mas a mim nem mo parece , nem me entra cá na cachola ; porque no lugar donde eu venho , não ha caõ , nem gato , que não affirme á boca cheia , que dentro de vinte legoas não ha Curgiaõ , que tenha feito curas taõ estupendas , o ponto he que não venha eu a ser agora quem pague as favas.

*Sabe Tiago.*

*Tiag.* Não só fui buscar o remedio , mas ahi do forno de huma comadre o trago já feito : estenda-se V. m. sobre aquelle ceiraõ , e dê cá o lenço para lhe estender nelle estas papas em quanto estaõ quentes , e dilate-se aqui duas horas , para depois me dizer se  
com

com menos dores se pôde endireitar mais, vamos, vamos a isto.

*Gil.* Irra, arrede para lá, que as malditas das papas parecem brazas aczas.

*Tiag.* Tenha paciencia, que assim he precizo, e soffra para ser forinozo.

*Sabe Justina.*

*Just.* Que he isto, temos cá alguma cura? Hora queira Deos abençoala; eu tambem venho pedir ao Senhor vizinho, que chegou alli a ver a minha Neta, que está ardendo com febre, e com toda a pele do corpo tão vermelha como huma lagosta.

*Tiag.* Isso não he nada, e quando mnito será serampo, aqui tem estas hervinhas, faça-lhe hum cházito, e faça-lho tomar sem assucar, abafando-a muito bem, e a manhã me dirá como ella se acha.

*Braz.* Deos lhe dê saude, para acudir aos doentes. *V.*

*Gil.* Ai, oh Senhora velha, espere ahi hum nó nada, deixe-me dar outra volta, porque me parece, que estou quazi bom, e quero que leve ás suas amigas a noticia desta grande cura: não ai duvida, estou capaz de partir com hum exercito, e o que resta da derreação do espinhaço he huma bacatella; grande homem, grande homem, e bem merece que lhe levantem huma estatula sobre a grimpa da torre da Igreja, para que de longe se aviste: vá-se Senhora Avô, vá contar este milagre, e diga, que este Curgiaõ ainda que por gordo he pezado, merece, que todos o ponhaõ na coroa da cabeça.

*Just.* Ha muito tempo, que eu conheço isso, de que já ninguem duvida, só elle que sempre nega a sua sabença: hora filho, dame licença que vou acudir á minha neta: agora sentido na boia; e muito cuidado para não fazer cabriolas na Náo.

*Vai-se.*

*Tiag.* Eu na verdade ando vendido entre esta gente , e creio que ou toda ella endoideceo , ou se conjurou para me endoidecer a mim : eu C,urgiaõ ? Hum pobre homem , que não sabe qual he a sua mão direita , teimando com elle para endireitar a saúde dos outros quando está torta ? Não he possível que haja huma igual borracheira ; pois á boa fé , que se forem continuando com ella , não saberei eu mudar-me para parte aonde me não achem , por mais que me busquem.  
*á parte.*

*Gil.* Senhor Licenciado . . . .

*Tiag.* Ah meu camarada , vá lá chamar nomes ou pôr alcunhas a quem o engendrou , que a mim basta-me o que eu já tenho de huma , e outra coiza de nome , o de Tiago Fagundes , e de alcunha a de careca , que he tudo o que me ficou da herdança de meu Pai : effas chamadelas pôde guardalas lá para os cariocas , para aonde navega.

*Gil.* V. m. está enganado , porque aquelle titulo he o q̃ se costuma dar como cumpetẽte a todos os Curgioes.

*Tiag.* Ah que delRei , pois se eu nunca o fui nem o fou , nem o quero ser , para que diabo me ha de vofse dar o que me não toca , e o que eu tenho por huma affronta ? Hora falemos em outra coiza : e com effeito achasse melhor depois que lhe puz as papas ?

*Gil.* E taõ melhor , que má fim tenha aquelle , q̃ se lembra já de que esteve doente : quero levantar-me , e ir dar ordem á minha vida.

*Tiag.* Primeiro lhe quero eu pôr outra mezinha , para que esse costado fique mais rustico , e mais seguro , porẽm desde já lhe digo , que se tiver outra molestir , não torne cá pelo vezo ; porque eu não quero agora aprender a ser ociozo , deixando o trabalho da enchada com que fui criado : hora entrementes eu venho logo.

*Vai-se.*

*Sa-*

*Sabe Brazilia.*

*Braz.* Já sei que está melhor, e o estimo muito, mas quero-lhe pedir hum favor, e he que não diga a ninguém quem o curou, para que não venhão aqui outros affligir o pobre do meu homem; a quem he mais custozo ouvir que lhe chamaõ Curgiaõ, do que tirar-lhe hum dente da boca, com que faça o que lhe digo por vida sua.

*Gil.* Ui Senhora, V. m. zomba? Eu sou christaõ pela graça de Deos, e como tal devo amar o meu proximo como a mim mesmo, pelo que depois da minha experiencia, sou obrigado a encaminhar para cá todos quantos vir com molestia: era boa graça encarregar eu a minha consciencia pelo segredo, que V. m. me recomenda!

*Sabe Tiago.*

*Tiag.* Hora vamos a por este oleozinho, e passada huma hora sem apanhar vento, creio que por esta vez ficará remediado.

*Gil.* Assim podera eu fazer, que V. m. o ficasse tanto pelo ueu pagamento, como eu o estou já pelo seu primeiro remedio, mas até aonde o homem poder chegar, verà que não sou curto dos nós: supponho, que me percebe?

*Tiag.* Amigo fale em outra coiza: quem não he official do officio não deve levar dinheiro por qualquer obra delle, que faz por cruzidade, porque o sahir boa he acção de fortuna, e não effeito da sciencia, e pouco importa q̃ eu faltasse hoje ao trabalho, porque supponho, que he o dia santo, e para o passar, ainda temos dois paens de milho na arca; ponha-se a geito para lhe fazer esta untadella.

*Gil.* Ainda antes delle me ha de V. m. aceitar esta meia dobra, e se o caçador me trouxer a salvamento da  
via-

viagem , que agora faço , eu procurarei a sua caza com algum signalzinho de amor.

*Tiag.* Filho do coração , guarde o seu dinheiro , que por nenhum modo o aceito , e se quer pagar o gaffo; deme trinta reis de meio quartilho do azeite , que comprei para este oleo , que o mais tudo foraõ hervas , que naõ custaraõ, nada valendo muito para a sua melhora.

*Gil.* V. m. ou ha de aceitar esta ninharia , ou eu naõ fahirei mais da sua caza para o ficar aqui servindo toda a minha vida.

*Braz.* Hora acabesse essa pendencia : que lhe has de tu fazer, se o Senhor a teima ? Aceita o que te dá , e naõ te metas em mais curas, por naõ ter essas agonias.

*Tiag.* Descança , que eu tenho bastunto para me livrar dellas , aceito constangido ; vamos ao remedio , e tu fica de avizo , que se aqui me procurar alguém , dize sempre que naõ estou em caza , ainda que seja o proprio Emperador de Turquia.

*Ao tempo de estar huntando Gil , Sabe Mamede.*

*Mam.* Sou criado do Senhor Doutor.

*Tiag.* Com quem falará este homem ? Coitadinho , ou elle he doido , ou alguém o enganou , dizendo-lhe , que morava aqui algum letrado ! Ah Senhor , quem procura V. m.?

*Mam.* Procuro a V. m. , Senhor Doutor , para . . .

*Tiag.* Espere , espere , pois a mim he que V. m. me chama Doutor ? E que me acha V. m. para me dar esse nome ? He verdade , que eu tenho huma burra ruça ; porém como naõ he mula , naõ me pertence por ella tal chamadella : Senhor , eu sou hum pobre cavador de enchada , e como nem tenho letras , nem tretas , escuzo que me levantem hum testemunho , que me envergonhará tanto , que naõ poderei apparecer na  
rua

rua com este palmo de cara descoberta.

*Mam.* Pois Senhor, seja o que V. m. quizer, eu venho aqui pela fama das suas curas: o meu modozinho de vida he humma taverna, na qual me succedco hum contratempo; porque hindo levantar a pipa, quando queria calçala, me cahio em pezo sobre este braço, e, depois de muitos remedios, me ficou não só frio, mas tão amortecido, que hando com elle, como com hum badallo de sino, e todos me disserão q̃ se V. m. me não desse remedio, que certamente hiria com esta mangueira para o outro Mundo, pelo que aqui venho para que me queira valer.

*Tiag.* Hora pergunto, pois disserão lhe que me procurasse a mim mesmo, e com o meu nome proprio?

*Mam.* Disserão-me, que procurasse o maior Curgiaõ, que havia, e que aqui he que morava.

*Tiag.* Não o disse eu, olhem a força que tem á loucura; pois Tiago vai dando ordem a fugir della, e acaba hoje por humma vez com tal diabrura; mas já q̃ V. m. aqui está, e eu com este oleo nas mãos, lhe darei com elle humma lambuçada; porém como aqueixa he no braço direito, quero perguntar-lhe primeiro, se alguma vez se servio delle para deitar agua no vinho, q̃ vende ao povo, porq̃ então, meu amigo, babao.

*Mam.* Não Senhor, nunca tal fiz em minha vida.

*Tiag.* Pois então tenha muita fé, para que lhe aproveite a untadella. *Sabe o Meirinho.*

*Meir.* Senhor licenciado Tiago Fagundes, estimo que tocasse a mim a fortuna de vir dar a V. m. a alegre noticia, de que a nobre Camara da Villa de Rapozinhos, attendendo aos clamores geraes do Povo do lugar de Rapados, o nomeu por seu Curgiaõ mor, com dominio absoluto sobre o que lá existe, e com ordenado de centó e vinte mil reis cada anno, com prin-

principio do dia da data desta Provisão, que lhe entrego, dando-lhe da minha parte os parabens deste seu merecido despacho.

*Tiag.* Pois embrulheos V. m. neste papel, e faça de tudo presente a quem lhe parecer, e diga lá aos Senhores camarentos, que se alguma dia chegarem a estar em seu perfeito juizo, fação a tua eleição em peffoa, que, por ignorante como eu, não vá fer verdugo do miseravel Povo, e para que nos não canceemos, eu não sou çurgiaõ, nem ellcs me podem obrigar a que o seja por força.

*Gil. e Mam.* He, he C,urgiaõ, e o mais famoso, e a ambos nos curou em poucas horas, de queixas que outros não souberão remediar em largos dias.

*Meir.* Tem boa duvida, que he homem insigne, e que póde dar feis, e às ao mais pintado: vamos, vamos, Senhor licenciado, venha comigo, que está todo o corpo do Tribunal esperando para lhe tomar o juramento.

*Tiag.* Isso lhe dou eu aqui a V. m. de que não quero ir.

*Meir.* Desta fórte não deve V. m. responder a hum Magistrado, e se se obstinar teimozo, terá paciencia o seu respeito, porque o levarei prezo.

*Braz.* Prezo o meu marido, isso não em quanto Brazza for viva? Vai filho: vai com o Senhor, que eu logo parto nas suas ancas, e lá veremos o que conseguem as minhas choramingas.

*Mam.* Viva o Senhor C,urgiaõ mór, viva, viva.

*Tiag.* Mas viviry chorando sempre a sua desgraça, a de quererem que seja çurgiaõ por força.

F I M,